

EDITORIA
ARTHÉMAN

1965 - 2026

Seis Décadas de Transformação

MIS

Origem, Caminho e Consolidação

CESAR MIRANDA RIBEIRO

Cultura
Educação
e Memória



FUNDAÇÃO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DO RIO DE JANEIRO

Cesar Miranda Ribeiro



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

MIS

origem, caminho e consolidação
1965-2026

Rio de Janeiro / RJ
2026

Copyright© 2026 Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.
Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo
que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc.,
sem a autorização por escrito.

1ª edição - julho de 2025

Redação e autoria: Cesar Miranda Ribeiro.

Revisão editorial: texto consolidado para publicação a partir do manuscrito
base e de atualização factual com fontes públicas da Fundação MIS e da Rá-
dio MIS RJ.

Sites institucionais consultados: fmis.rj.gov.br, radio.mis.rj.gov.br e mis.rj.gov.br.

Capa: *Márcia Santana Saglia*

Foto da capa: *Leyla Dantas*

Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

www.frontis.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ribeiro, Cesar Miranda
MIS : Museu da Imagem e do Som : origem, caminho
e consolidação 1965-2026 / Cesar Miranda Ribeiro. --
1. ed. -- Rio de Janeiro : Editora Arthéman, 2026.

Bibliografia.
ISBN 978-65-977524-0-9

1. Museu da Imagem e do Som (São Paulo, SP) -
Exposições I. Título.

26-392574.0

CDD-069.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Museu da Imagem e do Som : História 069.981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*Fazer da memória cultura é transformar legado em
inspiração, história em referência e experiência em
futuro. É garantir que aquilo que construímos hoje
continue inspirando aqueles que virão amanhã.*

Cesar Miranda Ribeiro



www.editoraartheman.com.br

Agradecimento

Aos nossos governantes, servidores públicos, pesquisadores, amigos, colaboradores e parceiros da Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, registramos nosso reconhecimento pelo trabalho contínuo de preservação, organização e difusão de um acervo que representa parcela essencial da memória cultural brasileira.

Ao longo de seis décadas, a instituição atravessou mudanças políticas, tecnológicas e administrativas sem abandonar sua vocação principal. Essa permanência não resulta apenas de estruturas formais. Resulta, sobretudo, do empenho cotidiano de profissionais que compreenderam o valor público da memória e a responsabilidade de transmiti-la às gerações seguintes.

Nosso agradecimento estende-se aos artistas, familiares, pesquisadores e cidadãos que confiaram ao MIS documentos, relatos, imagens, gravações e objetos de relevância histórica. Cada coleção incorporada ao acervo reafirma a confiança depositada na instituição e amplia sua capacidade de representar a diversidade da cultura brasileira.

Também merece registro o papel daqueles que, em diferentes períodos, apoiaram a manutenção do museu como espaço vivo de pesquisa, encontro, escuta e reflexão.

Expresso também minha profunda gratidão aos meus pais, Pedro Fernando Ribeiro e Zilah Miranda Ribeiro, pelos princípios e

valores que orientaram minha formação, e aos meus irmãos, Rosaly e Fernando, que fazem parte dessa trajetória.

À minha esposa, Márcia Ferreira Ribeiro, agradeço pelo apoio e pela compreensão ao longo do período de elaboração desta obra.

Aos meus filhos, Pedro, Alessandra e Gabriel, deixo registrada minha gratidão pelo incentivo e pela constante inspiração.

Por fim, agradeço aos grandes amigos da FMIS, Áureo Ribeiro, Carlos Chagas Vianna Braga, Cavi Borges, Luíz Fernando Gurgel, Norberto Emílio Gaitan e Luíz Antônio Dutra da Silva, bem como a todos aqueles que, ao longo da história do museu e da construção deste livro, contribuíram para a preservação da memória, da cultura e da identidade do Estado do Rio de Janeiro.

Apresentação

A história do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro acompanha, em muitos aspectos, a própria evolução da política cultural brasileira desde a segunda metade do século XX. Criado em 1965, em um período de fortes mudanças políticas e de acelerada expansão dos meios de comunicação, o museu surge a partir de uma compreensão inovadora para sua época: sons, imagens, depoimentos e documentos audiovisuais também constituem patrimônio cultural e devem ser preservados com o mesmo rigor atribuído aos acervos tradicionais. Ao longo de mais de seis décadas, o MIS reuniu depoimentos para a posteridade, registros sonoros, fotografias, filmes, documentos textuais, partituras e objetos tridimensionais. Esse conjunto, formado por coleções particulares, incorpora materiais de personalidades que marcaram a música, o rádio, a literatura, a fotografia e a cultura brasileira em sentido amplo. Com o passar do tempo, o museu deixou de ser apenas um local de guarda. Tornou-se centro de documentação, espaço de consulta, ambiente de difusão cultural e referência para pesquisadores.

A trajetória institucional do MIS revela um equilíbrio permanente entre preservação e atualização. A cada década, novas exigências técnicas se impuseram à gestão do acervo. Mudaram os suportes, mudaram os hábitos de consumo cultural e mudaram também as expectativas do público. Ainda assim, a instituição preservou sua missão central. Nos anos mais recentes, essa vocação foi ampliada com a criação da Rádio MIS RJ, com o fortalecimento da pesquisa on-line e com a introdução de sistemas de inteligência artificial

voltados à organização e ao acesso aos depoimentos e bases documentais. Esta edição organiza e amplia o manuscrito do autor, consolidando a narrativa histórica e incorporando informações atualizadas sobre a Fundação MIS, seu acervo, sua presença digital, a política de uso de inteligência artificial, a nova sede em Copacabana e as ações recentes de difusão cultural. O propósito do livro é apresentar, de forma contínua e documentada, a origem, o caminho e a consolidação de uma instituição que se tornou guardiã de parte decisiva da memória carioca, fluminense e brasileira.

Prólogo

Por Danielle Barros

Poucas instituições culturais brasileiras conseguiram reunir, preservar e compartilhar com tanta dedicação a memória de um povo quanto o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Desde sua inauguração, em 1965, o MIS consolidou-se como um dos mais importantes guardiões da cultura nacional, tornando-se referência na preservação de acervos audiovisuais, musicais, fotográficos e documentais que ajudam a contar a história do Brasil. Este livro registra uma trajetória marcada pela inovação, pela resistência e pelo compromisso permanente com a memória. Ao percorrer suas páginas, o leitor encontrará não apenas a narrativa institucional de um museu, mas também a própria evolução da sociedade brasileira, observada por meio das imagens, dos sons, dos testemunhos e das expressões culturais que o MIS soube proteger ao longo de seis décadas. A história do Museu da Imagem e do Som é construída por inúmeras gerações de profissionais, pesquisadores, artistas, colaboradores e gestores que compreenderam a importância de preservar o passado para iluminar o futuro. Seus depoimentos para a posteridade, seus acervos raros, suas exposições, projetos educativos e iniciativas de democratização do acesso à cultura transformaram o MIS em um patrimônio vivo do estado do Rio de Janeiro.

A chegada da nova sede em Copacabana representa um dos momentos mais significativos dessa caminhada. Mais do que um novo edifício, ela simboliza a renovação de uma missão histórica: aproximar ainda mais o museu da população, ampliar o acesso ao

conhecimento e consolidar um espaço moderno, preparado para os desafios do século XXI, sem jamais perder de vista a preservação da memória. Esta publicação celebra uma instituição que soube atravessar diferentes épocas mantendo-se fiel aos seus valores fundamentais. Ao registrar sua trajetória, este livro presta homenagem àqueles que construíram essa história e reafirma o compromisso do Governo do estado do Rio de Janeiro com a cultura, a educação, a memória e a valorização do patrimônio que pertence a todos os cidadãos. Que esta obra inspire novas gerações a conhecer, preservar e valorizar a riqueza cultural do nosso Estado, reconhecendo no Museu da Imagem e do Som um símbolo permanente da identidade fluminense e brasileira.



Danielle Barros - Secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, professora e gestora cultural, com destacada trajetória na promoção da cultura, na valorização da memória e do patrimônio cultural e no fortalecimento da economia criativa fluminense. Crédito da foto: SECEC

Prefácio

Por Ricardo Cravo Albin

O MIS: uma instituição a serviço da memória e da cultura brasileira

Recebo com especial satisfação este livro de autoria de Cesar Miranda Ribeiro, dedicado à trajetória do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Não se trata, para mim, da simples leitura de uma obra sobre uma instituição cultural. Trata-se do reencontro com uma parte fundamental da minha própria existência, com um capítulo decisivo da vida cultural brasileira e, sobretudo, com uma ideia que me acompanha desde a juventude: a de que a memória é um dos bens mais preciosos de um povo.

Ao longo de muitas décadas dedicadas à cultura brasileira, aprendi que os países não vivem apenas de seus feitos econômicos ou de suas realizações materiais. Vivem também, e talvez principalmente, da capacidade de preservar suas lembranças, seus personagens, suas vozes, seus testemunhos e seus símbolos. Uma nação sem memória é uma nação condenada a recomeçar incessantemente sua própria história. Foi essa convicção que me acompanhou quando, ainda muito jovem, tive a honra de presidir o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. O Brasil vivia um período de profundas transformações. A cultura brasileira expandia suas fronteiras criativas, mas muitos de seus protagonistas desapareciam sem deixar registros adequados de suas experiências. Havia documentos disper-



Ricardo Cravo Albin - Musicólogo, historiador da Música Popular Brasileira, escritor e jornalista. Fundador e primeiro diretor do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e fundador do Instituto Cultural Cravo Albin. Crédito da foto: FMIS

Sobre a obra

Por Daiane Lopes Elias

As instituições de guarda possuem como compromisso fundamental a manutenção da memória, história e cultura de uma dada sociedade. No caso especial da Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro esse compromisso se iniciou em 03 de setembro de 1965, haja vista que sua inauguração ocorreu a partir do importante dever de se colocar como um espaço de vanguarda cultural na preservação, conservação e disponibilização do acervo audiovisual do país, em um período histórico marcado por grandes tensões políticas e sociais no cenário nacional. Desde então, o MIS não apenas inaugurou uma nova forma de se colocar, trazendo para si grandes nomes e gêneros, muitas vezes até então marginalizados, mas também de ser um espaço legitimador e de salvaguarda devolvendo o devido valor, fala e memória a tantos artistas e gêneros musicais, conferindo-lhes assim o protagonismo no cenário da cultura carioca, fluminense e nacional. São nomes de imensa relevância, que muitas vezes iniciaram no MIS a possibilidade de pertencer a um acervo popular, que teria eternizado em si, por exemplo, o choro, o samba, a resistência cultural e a própria identidade carioca. São nomes como Pixinguinha, Clementina de Jesus, João da Baiana, Donga, Heitor dos Prazeres, Carmen Miranda, Dona Ivone Lara, Cartola, Tom Jobim, Elizeth Cardoso, Jacob do Bandolim, Noel Rosa, Aracy de Almeida, Nara Leão, Chico Buarque entre tantos outros gigantes de nossa cultura musical, mas também de outras áreas

de extrema importância, como nas fotografias históricas de Augusto Malta e Guilherme Santos, ou do rádio com Almirante e Saroldi, ou ainda do cinema com Glauber Rocha, Cacá Diegues, José Wilker, entre outros quilates de seu vasto e rico acervo.

E é nesse compromisso e respeito pelo passado que o MIS segue salvaguardando a cultura nacional, passando às gerações futuras um imenso legado de forma inovadora e próxima da sociedade que o constitui e que é por ele constituída. Essa história de dedicação e respeito pelo passado no presente está detalhadamente narrada nas páginas deste livro, que guarda em si a importância de apresentar a própria trajetória do MIS e seus desafios e vitórias junto à manutenção da cultura carioca e nacional. O autor percorre as décadas de existência do Museu até os dias atuais, apresentando ao leitor uma narrativa repleta de histórias, memórias e desafios, para assim revisitar o passado e mantê-lo vivo, e em debate no presente, garantindo uma leitura instigante e rica em fatos, fotos e interpretações possíveis do passado no presente, sempre apontando os caminhos futuros na busca por um MIS cada vez mais atuante e potente.

Daiane Lopes Elias
Pós-doutora em História Social e Política pela UERJ.

Sumário

Agradecimento	7
Apresentação.	9
Prólogo.	11
Prefácio	13
Sobre a obra	21
Capítulo 1	
O contexto cultural do Brasil em 1965	25
Capítulo 2	
A Fundação do MIS e a ação visionária de Carlos Lacerda	33
Capítulo 3	
Estrutura, acervo e curadoria	43
Capítulo 4	
Desafios e superações nos anos iniciais	53
Capítulo 5	
Difusão cultural e formação de público	61
Capítulo 6	
Evolução institucional ao longo das décadas	75
Capítulo 7	
A Fundação MIS e a política cultural do estado	83
Capítulo 8	
A consolidação do Projeto Copacabana	101
Capítulo 9	
Gestão, inovação e inteligência artificial.	105
Capítulo 10	
Rádio MIS RJ: museu expandido, memória viva e difusão permanente .	117
Capítulo 11	
Apoio institucional, reconhecimento público e presença social	125
Capítulo 12	
Perspectivas de futuro e continuidade institucional	131
Sobre o autor.	137
Referências.	139



Governador Carlos Lacerda e convidados durante visita à exposição de inauguração do MIS RJ. Ano 1965.

Coleção Maurício Quadrio. Acervo FMIS.



Almirante ao microfone da Rádio Nacional. Ano 1942.

Coleção Almirante. Acervo FMIS.

CAPÍTULO 1

O contexto cultural do Brasil em 1965

A década de 1960 ocupa posição central na história cultural brasileira. Em poucos anos, o país assistiu à expansão da indústria fonográfica, à consolidação da televisão como meio de massa, ao fortalecimento do rádio como difusor de repertórios e notícias e à intensificação do debate público em torno da identidade nacional. Ao mesmo tempo, o cenário político tornou-se mais tenso e instituiu novas formas de controle sobre a vida institucional, intelectual e artística. Esse contraste entre restrição e criatividade ajuda a compreender por que 1965 se tornou um marco decisivo para a criação de um museu dedicado à imagem e ao som.

A cultura brasileira daquele período não pode ser resumida a um único movimento. Na música popular, conviviam a herança do rádio, a sofisticação da bossa nova, a força do samba, a emergência dos festivais televisionados e a projeção de novos compositores e intérpretes. No cinema, o Cinema Novo redefinía o olhar sobre o país, tratando as desigualdades sociais como matéria estética e política. Nas artes visuais, propostas experimentais buscavam ultrapassar limites tradicionais de suporte e linguagem. Na literatura e no jornalismo cultural, ampliavam-se as discussões sobre modernidade, povo, indústria cultural e memória.

O Rio de Janeiro concentrava parte expressiva desse dinamismo. Ainda que Brasília tivesse assumido a condição de capital federal, a antiga capital permanecia como centro de circulação cultural,

de produção fonográfica, de jornalismo, de rádio e de televisão. A cidade reunia artistas, intelectuais, fotógrafos, cineastas, radialistas e pesquisadores. Nela se cruzavam a tradição das instituições culturais já consolidadas e a urgência de novas políticas voltadas à salvaguarda de uma produção simbólica cada vez mais intensa.

Nesse contexto, tornou-se visível uma lacuna: o Brasil produzia e consumia grande volume de registros sonoros e visuais, mas esses materiais raramente eram preservados de modo sistemático. Programas de rádio, trilhas musicais, entrevistas, fotos, filmes, roteiros e objetos ligados ao espetáculo e à comunicação podiam desaparecer com facilidade. A ausência de tratamento técnico, a precariedade das condições de guarda e a baixa valorização museológica de tais suportes colocavam em risco um patrimônio cuja importância histórica crescia a cada ano.

Gradualmente, pesquisadores, gestores e homens de cultura passaram a perceber que imagem e som não eram apenas veículos de entretenimento ou documentos acessórios. Eram testemunhos de época. Neles se preservavam sotaques, gestos, modos de performance, paisagens urbanas, tecnologias de gravação, visões de mundo e formas de sensibilidade. A cultura do século XX não podia mais ser explicada somente por manuscritos e objetos materiais. Precisava ser lida também por seus fonogramas, filmes, fotografias, programas de auditório, depoimentos e coleções pessoais.

A criação do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, em 3 de setembro de 1965, respondeu precisamente a esse desafio. O surgimento do museu significou um alargamento do conceito de patrimônio cultural no Brasil, ao reconhecer como dignos de preservação não apenas monumentos, livros raros e peças históricas, mas também registros que até então ocupavam posição periférica no campo museológico. Essa decisão revelou aguda percepção do tempo histórico: a modernização dos meios de comunicação exigia modernização correspondente das políticas de memória.



Inauguração MIS, em 1965, com Carlos Lacerda, Maurício Quadrio e convidados. Setor Institucional. Acervo FMIS

Quando se observa o ambiente de 1965, percebe-se que a fundação do MIS não foi fruto de improviso. Ela resultou da convergência entre um período de grande efervescência cultural e a necessidade de construir instrumentos duradouros de registro. Em vez de tratar a produção contemporânea como algo efêmero, o museu passou a considerá-la matéria de história. Essa mudança de perspectiva explica por que o MIS se tornou uma instituição pioneira e por que sua criação continua sendo um marco na museologia brasileira.

A partir de então, o campo da memória audiovisual ganhou legitimidade institucional. Não se tratava apenas de colecionar curiosidades, mas de construir bases documentais para que o futuro pudesse compreender o passado recente. Em um país de mudanças rápidas, o gesto de preservar tornou-se também gesto de interpretação social. O MIS nasceu para registrar um Brasil em transformação, e essa vocação continuaria a orientar a instituição em todas as décadas seguintes.



Inauguração do MIS RJ com a presença do governador Carlos Lacerda, Maurício Quadrio e convidados. Ano 1965.

Coleção Maurício Quadrio. Acervo FMIS

Ao longo dos anos 60, a cultura brasileira viveu também uma crescente profissionalização de seus meios de produção. Gravadoras ampliavam seus catálogos, emissoras de rádio disputavam audiência com programações cada vez mais sofisticadas e a televisão iniciava um processo acelerado de influência sobre hábitos cotidianos. A comunicação de massa começava a moldar comportamentos, linguagens e referências culturais em escala nacional. Pela primeira vez, artistas e acontecimentos alcançavam simultaneamente diferentes regiões do país por meio da difusão eletrônica.

Esse processo produziu impactos profundos sobre a memória coletiva brasileira. Canções deixavam de circular apenas em apresentações ao vivo e passavam a integrar acervos fonográficos. Vozes tornavam-se reconhecíveis nacionalmente. Imagens de artistas, políticos, programas humorísticos e acontecimentos históricos passavam a fazer parte do imaginário popular. O Brasil ingressava defini-

tivamente na era audiovisual. Entretanto, paradoxalmente, muitos desses registros continuavam ameaçados pela fragilidade material de discos, fitas, negativos fotográficos e películas cinematográficas.

A percepção de que o país precisava preservar sua produção cultural moderna surgiu justamente diante desse risco de desaparecimento. Diferentemente dos documentos escritos tradicionais, os suportes sonoros e audiovisuais exigiam técnicas específicas de conservação, equipamentos adequados e profissionais especializados. Sem políticas públicas estruturadas, parte significativa da memória brasileira poderia ser perdida em poucas décadas. O desafio não era apenas armazenar materiais, mas garantir condições para sua consulta, restauração e difusão futura.

Nesse cenário, o conceito de patrimônio cultural também começou a sofrer transformações importantes. Até então, predominava no Brasil uma visão patrimonial fortemente associada à arquitetura colonial, aos documentos oficiais e às obras de arte tradicionais. A emergência da cultura de massa obrigou intelectuais e gestores a ampliarem essa definição. Um disco, uma entrevista gravada, um programa de rádio ou um filme documental passaram a ser entendidos como elementos fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira contemporânea.

A própria cidade do Rio de Janeiro funcionava como símbolo dessa transição cultural. Em Copacabana, no Centro, na Cinelândia e em bairros ligados à vida artística e boêmia, conviviam emissoras de rádio, estúdios, cinemas, teatros, redações de jornais e casas de espetáculo. O cotidiano urbano era marcado pela intensa circulação de artistas e profissionais da comunicação. A cidade respirava produção cultural. Ao mesmo tempo, transformava-se rapidamente sob o impacto da modernização urbana, da verticalização e da expansão dos meios de transporte e comunicação.

As rádios mantinham enorme influência sobre a formação musical da população. Mesmo com o crescimento da televisão, o rá-

CAPÍTULO 2

A Fundação do MIS e a ação visionária de Carlos Lacerda

A criação do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro deve ser entendida como uma decisão de política cultural e, ao mesmo tempo, como uma intervenção simbólica no debate sobre memória. O museu foi inaugurado em 3 de setembro de 1965, durante as comemorações do quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro, e é reconhecido como pioneiro no campo dos museus audiovisuais no Brasil. Sua fundação resultou de articulações que envolveram o governo da Guanabara, intelectuais e especialistas atentos ao valor histórico dos registros sonoros e visuais.

Naquele contexto, o Rio de Janeiro vivia um momento de redefinição institucional. A transferência da capital federal para Brasília, em 1960, havia provocado impactos profundos na identidade política e administrativa da antiga capital do país. Transformada em Estado da Guanabara, a cidade buscava reafirmar sua relevância nacional não apenas pelo peso econômico ou turístico, mas também por sua capacidade de liderança cultural. Foi nesse ambiente que a criação do Museu da Imagem e do Som ganhou importância estratégica.

No centro desse processo está a atuação de Carlos Lacerda, então governador do Estado da Guanabara.

Jornalista e homem público de grande projeção, Lacerda compreendia a cultura como instrumento de afirmação institucional e de prestígio público. Durante sua gestão, buscou fortalecer equipamentos culturais capazes de projetar a Guanabara como polo de modernidade e referência no cenário nacional. A criação do MIS inseriu-se nessa estratégia, mas foi além dela ao consolidar uma instituição com vocação de longo prazo.



Governador Carlos Lacerda em meio ao público durante evento de inauguração do MIS RJ. Ano 1965.

Coleção Maurício Quadrio. Acervo FMIS

Lacerda possuía uma visão administrativa marcada pela valorização da comunicação e da memória pública. Como jornalista, compreendia a força dos meios de comunicação na construção da história coletiva. Sua percepção sobre a necessidade de preservar registros sonoros e visuais demonstrava sensibilidade incomum para a época, especialmente em um período em que grande parte das instituições culturais brasileiras ainda estava voltada prioritariamente para acervos escritos, bibliográficos e artísticos tradicionais.

Ao incentivar a criação do MIS, Carlos Lacerda também respondia a uma transformação tecnológica que começava a alterar a produção cultural brasileira. O rádio já era um dos principais meios de comunicação de massa do país, enquanto a televisão ampliava rapidamente sua presença nos lares brasileiros. A música popular brasileira consolidava-se como importante elemento da identidade nacional, e o cinema nacional vivia o impacto criativo do Cinema Novo. Havia, portanto, uma produção intensa de conteúdos audiovisuais, mas ainda sem políticas estruturadas de preservação.



Governador Carlos Lacerda hasteia a bandeira durante cerimônia de inauguração do MIS RJ. Ano 1965.

Coleção Maurício Quadrio. Acervo FMIS

A iniciativa contou também com a participação decisiva de nomes ligados ao campo da memória musical e radiofônica. Entre eles destacam-se Henrique Fôreis Domingues, o Almirante, Maurício Quadrio e, pouco depois, Ricardo Cravo Albin, cujo papel no projeto Depoimentos para a Posteridade se tornaria central. A combinação entre apoio governamental, visão técnica e legitimidade cultural garantiu ao museu bases sólidas desde o início.

Henrique Fôreis Domingues, o Almirante, foi figura fundamental nesse processo. Considerado um dos maiores pesquisadores da música popular brasileira de sua geração, Almirante acumulava vasta experiência no rádio e profundo conhecimento da produção musical brasileira. Sua preocupação com a preservação da memória sonora antecedia a própria criação do museu. Ao colaborar com o MIS, ajudou a consolidar a ideia de que discos, gravações e depoimentos deveriam ser tratados como patrimônio cultural de relevância histórica.

Maurício Quadrio também desempenhou papel importante na estruturação do museu, contribuindo para a organização técnica e institucional do acervo. Já Ricardo Cravo Albin ampliaria significativamente o alcance do MIS a partir do desenvolvimento dos depoimentos gravados, transformando a instituição em referência nacional na preservação da memória oral da cultura brasileira.

Desde sua concepção, o MIS não foi pensado apenas como espaço expositivo. A proposta era construir um centro de documentação, pesquisa e consulta, apto a reunir coleções, organizar bases de informação e oferecer ao público e aos estudiosos acesso a materiais de difícil circulação. Essa definição é importante porque diferencia o museu de projetos puramente comemorativos. Havia nele uma intenção estrutural: criar uma instituição capaz de atravessar governos e manter uma função pública clara na preservação da memória cultural.



Ricardo Cravo Albin, João da Baiana, Pixinguinha e Jacob do Bandolim no depoimento de Pixinguinha. Ano 1968.

Coleção JB. Acervo FMIS

Essa concepção representava um avanço significativo para o cenário museológico brasileiro da década de 1960. Enquanto muitos museus concentravam esforços na guarda de objetos físicos, o MIS nascia com vocação voltada para a documentação de manifestações imateriais. O foco não estava apenas na preservação de peças raras, mas também na conservação de experiências culturais registradas por meio do som, da imagem e da palavra.

O edifício histórico da Praça XV, vinculado ao conjunto remanescente da Exposição Internacional do Centenário da Independência, reforçou a dimensão simbólica do empreendimento. Instalar o museu em um imóvel já marcado pela memória urbana e arquitetônica do Rio ajudou a inscrevê-lo no tecido histórico da cidade. O espaço físico não era neutro. Ele associava a instituição recém-criada à continuidade entre patrimônio material e patrimônio audiovisual.



Pavilhões da Exposição Internacional de 1922. Vê-se o atual prédio do MIS Praça XV.
Foto Augusto Malta. Col. Augusto Malta. Acervo FMIS

A localização na região central do Rio de Janeiro aproximava o MIS da dinâmica cultural da cidade. A Praça XV, historicamente associada à vida política e econômica carioca, carregava forte simbolismo histórico. O museu passava a ocupar um espaço cercado por referências da formação urbana do Rio, criando uma relação direta entre memória da cidade e preservação cultural.

Um dos gestos mais inovadores do período foi a adoção do depoimento gravado como documento de acervo. O programa Depoimentos para a Posteridade, iniciado em 1966, transformou a história oral em eixo institucional do MIS. Em vez de limitar-se a recolher objetos ou documentos escritos, o museu passava a registrar a fala viva de compositores, intérpretes, radialistas, atores, escritores e outros protagonistas da cultura. O resultado foi a formação de uma coleção única, capaz de preservar não apenas informações, mas timbres de voz, hesitações, memórias e modos de narrar a própria experiência.

Esse projeto tornou-se uma das mais importantes iniciativas de história oral do país. Em uma época em que a oralidade ainda recebia pouca valorização acadêmica no Brasil, o MIS reconheceu que a memória cultural também se constrói através da fala, da emoção e da subjetividade. Os depoimentos registrados permitiram preservar narrativas pessoais de figuras fundamentais da cultura brasileira, criando fontes históricas de enorme relevância para pesquisadores e estudiosos.



João da Baiana no depoimento do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.
Ano 1966.

Coleção Almirante. Acervo FMIS